

Deixemos que os nossos corações sejam preenchidos pela alegria do Evangelho, conscientes de que quanto mais a partilharmos com os outros, tanto mais estaremos cheios dela. Deus vos abençoe!

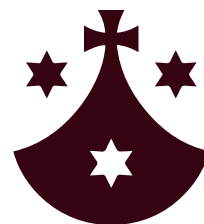
Papa Francisco, Audiência geral, 27 de novembro de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 JANEIRO 2025
Ano XII Nº 127

127



Agenda janeiro 2025

- 3 a 5 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de discernimento vocacional Rumos [🔗](#)
- 4 **Avessadas** – Tardes com Maria [🔗](#)
- 6 e 7 **Algarve** (S. Lourenço) – Amigos de S. Lourenço (vol.) [🔗](#)
- 7 **Lisboa** (Ilg. Santa Joana) – Escola de Oração com os Santos do Carmelo [🔗](#)
- 7 **Porto** (CCC) – Conferência: *A indulgência jubilar: Misericórdia de Deus e comunhão dos santos* – João da Silva Peixoto [🔗](#)
- 8 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 a 12 **Ávila** (CITeS) – Introdução à meditação [🔗](#)
- 10 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Eneagrama – Casais [🔗](#)
- 11 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Retiros de um dia [🔗](#)
- 13 **Angra** (Centro Pastoral) – Leitura orientada do Livro do *Génesis* [🔗](#)
- 13 **Ávila** (CITeS) – Início do curso para formação de guias turísticos: vida e obra de S. Teresa de Jesus [🔗](#)
- 13 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: *“Ministério de Jesus da Galileia”* [🔗](#)
- 14 a 16 **Viana do Castelo** (Darque) – V Semana Bíblico-Litúrgica [🔗](#)
- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Cátedra Henrique de Ossó: Dos sentidos ao coração. [🔗](#)
- 16 a 19 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 a 19 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 a 19 **Fátima** (Domus Carmeli) – Curso de Marianismo Carmelita [🔗](#)
- 18 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte [🔗](#)
- 18 **Lisboa** (Seminário. Olivais) – I Jornada Bíblica [🔗](#)
- 18 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 23 a 26 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 24 a 26 **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio [🔗](#)
- 24 a 26 **Ávila** (CITeS) – Pensamento filosófico II [🔗](#)
- 25 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Fim de Semana para noivos [🔗](#)
- 25 **Funchal** (Carmo) – Elementos essenciais para um caminho de esperança [🔗](#)
- 25 e 26 **Viseu** (Vouzela) – Ateliers sobre espiritualidade: *Felizes? Jesus Cristo: a alegria de ser cristão* – Isabel Peixoto e Paula Valinhas [🔗](#)
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 26 **Online** – Webinário sobre a Vida Consagrada [🔗](#)
- 28 a 29 **Algarve** (S. Lourenço) – Exercícios Espirituais p/ sacerdotes e diáconos [🔗](#)
- 29 **Online** – Webinário sobre a Vida Consagrada [🔗](#)

- 30 a 2 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 31 a 2 **Ávila** (CITeS) – Habitar a rotina [🔗](#)
- 31 a 2 **Colares** (Casa exercícios SJ) – NATES – Natureza e Espiritualidade [🔗](#)

Agenda fevereiro 2025

- 1 **Avessadas** – Tardes com Maria [🔗](#)
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Corações Resilientes [🔗](#)
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Ermitério [🔗](#)
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 2 **Online** – Webinário sobre a Vida Consagrada [🔗](#)
- 3 **Online** – De véspera com... o B. Eugénio Maria do Menino Jesus (21h30) [🔗](#)
- 3 e 4 **Algarve** (S. Lourenço) – Amigos de S. Lourenço (voluntariado) [🔗](#)
- 10 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: *“Jesus a caminho de Jerusalém”* [🔗](#)
- 10 a 27 **Online** – A corresponsabilidade para um laicado maduro [🔗](#)
- 11 **Porto** (CCC) – Conferência: *Uma ética e uma cultura do cuidado na peugada do bom samaritano* – Isabel Lopes Ribeiro [🔗](#)
- 11 **Lisboa** (Ilg. Santa Joana) – Escola de Oração com os Santos do Carmelo [🔗](#)
- 13 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – “E vós, quem dizeis que eu sou?” [🔗](#)
- 15 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte [🔗](#)
- 15 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus [🔗](#)
- 21 a 23 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos (4.º módulo) [🔗](#)
- 22 **Funchal** (Carmo) – Vida de Edith Stein – A descoberta de uma vida espiritual [🔗](#)
- 22 **Algarve** (Carmelo Patação) – Encontros no Silêncio: Etapa 2 [🔗](#)
- 22 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Quaresma: *“A beleza da Cruz em Edith Stein”* – P. Marco Caldas [🔗](#)
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 23 a 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro de Quaresma [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de Sacerdotes [🔗](#)
- 24 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes [🔗](#)
- 28 a 4 **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio [🔗](#)



Em louvor da casa

Armindo Vaz, OCD

Em tempo de Natal os cristãos celebravam há dias a festa da Sagrada Família, que notou a falta de uma casa para Jesus nascer (Lc 2,7): o Natal de Jesus não aconteceu “em casa” nem numa casa. Mas hoje não pode – não deveria – haver Natal sem casa. A crise de habitação no país protesta e grita pela necessidade dela: não se pode viver sem casa! Até os migrantes que saíram de casa voltam a ela com saudades na quadra natalícia. Meditemos sobre a sua importância sociológica e sobre o seu simbolismo humano.

«My home, my castle!» – dizem os britânicos: «a minha morada é o meu castelo», significando, entre outras coisas, que a morada é o refúgio mais seguro e confortável, onde a pessoa se sente como no seu castelo. Podemos visitar casas de amigos, umas mais bonitas que outras. Mas ‘viver mesmo’ é na nossa própria casa. Ela, o espaço mais frequentado por nós, assiste ao melhor da nossa vida. Na casa de pessoas e famílias também há roturas, tensões, ódios incontidos, separações fracturantes, divórcios, divisões mortíferas. Mesmo assim, o simbolismo da casa/morada remete-nos preferentemente para a sua carga positiva.

De facto, a casa é a primeira estrutura de acolhimento da pessoa que nasce. É onde se vive e se morre. Não tem só paredes, traves e repartições. É uma construção de pedras vivas cujo cimento é o amor. A casa é o santuário do crescimento amparado, o berço dos afectos, acolhido no seio de uma família. Casa onde se cresceu, podem deixá-la os pés, não o coração. Dizer «casa» é dizer comunhão de vida, vida familiar, vida em comunhão, onde se está «em união com» e se descobre a doçura da ternura murmurada, do amor sempre oferecido e renovado. Conviver na mesma morada permite aos pais, irmãos ou filhos dizer ao outro: “estou aqui para ti”, “existir faz sentido, porque tu também estás aqui”. A casa é o lugar onde as pessoas estão à vontade e onde, por não estarem expostas, partilham descontraídas o rir e o chorar, o sofrer e o gozar, o mimo e o carinho. A morada é o lugar do encontro diário e das relações desejáveis, em que a vida é mais verdadeira e íntima, onde os abraços são mais genuínos.

Num recanto da morada é o único lugar onde somos capazes de estar nus, isto é, de nos vermos como somos, de vermos o que verdadeiramente somos, sem máscaras, vestidos só com a transparência e a autenticidade do *ser para o outro*. A casa própria facilita o ser sincero sem ser agressivo, o pedir sem reivindicar, o dar sem negociar: favorece a excelência da gratuidade e o valor do *ser* em detrimento do *ter*, do *possuir* e do *aparentar*. A morada é o espaço onde a pessoa se encontra bem, onde o amor se entranha, onde a zanga se dilui, onde a compreensão, o perdão, a reconciliação e a harmonia ‘estão em casa’. Aí a pessoa recebe dos pais a memória dos antepassados, bebendo todos os dias os ensinamentos que eles têm para comunicar e partilhar. É o espaço de comunhão nos afectos mais enternecedores e onde primeiro a pessoa aprende a amar. As grandes apostas da vida são as que dizem respeito à própria casa e à família.

Os habitantes na casa fogem da insegurança e dos medos, suscitados não só pelas intempéries, mas



Lorenzo Lotto, (1480-1556),
Natividade, 1523, Galeria Nacional de Arte, Washington

também pelas agressões do meio ambiente estranho, animal e humano. A morada é lugar de refúgio, porto de abrigo, ninho de conforto. Quando os perigos espreitam, a morada está à nossa espera, acolhedora e protectora como sempre: por isso, o melhor de uma viagem é o regresso a casa. E é um espaço interior, repositório das emoções e dos sentimentos mais marcantes da nossa existência, que nos remetem para o melhor de nós próprios. É o lugar onde mais falamos com os da nossa família e mais nos confrontamos com nós próprios e com os outros. É o lugar de escuta, de confronto e das comunicações preferenciais. Na nossa casa escuta-se antes de falar; e o filho do crente aprende a rezar, a escutar Deus e a elevar-se para a transcendência: aprende a incluir a transcendência na sua imanência. A morada é lugar importante da vivência e da transmissão da fé. Nela, a fé é ‘mamada’, recebida por filhos, netos, sobrinhos, afilhados.

Mas a morada também é o espaço aberto aos outros, propício a fazer comunidade e comunhão, onde se podem acolher os amigos, para partilhar com eles a palavra reconfortante e o banquete da comunhão na amizade. A realidade e o símbolo da morada remetem imediatamente para acolhimento, sensibilidade, com-paixão (com-viver a mesma paixão do outro). Na visita de um amigo, o bem-querer invade a casa, gerando uma aura de benevolência. Uma existência harmoniosa sente alegria em abrir a morada à visita de outras pessoas, com o desejo de que “se sintam em casa”. A nossa morada é lugar de abertura ao mundo que rodeia a família e de alargamento do tecido da comunhão humana. A morada é, de algum modo, estruturante da existência humana, por congregar em si a história da pessoa e da família.

Atendendo a estes e outros conteúdos da casa, a fé cristã percebe o drama que é o Filho de Deus ter querido nascer na pessoa de Jesus e a Mãe não ter encontrado disponível uma casa para o dar à luz. «Veio à sua casa e os seus não o receberam» (Jo 1,11). Ao negá-la não sabiam a quem a negavam. Agora sabe-se: «Fui forasteiro e não me acolhestes... Tudo o que não fizestes a um destes pequeninos a mim não o fizestes» (Mt 25,43-45). Este *saber* é mais uma consequência do Natal.

Curso sobre história da espiritualidade cristã

Aveiro, início a 14 de janeiro de 2025



HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

MÓDULO FORMATIVO | 1º SEMESTRE

A procura pela compreensão da espiritualidade, tem-se manifestado por parte de muitas pessoas, seja em literatura, seja em propostas de retiros e dinâmicas espirituais. Esta constatação fez com que o Centro de Formação D. António Marcelino (CEFAM) pensasse numa formação que ajudasse a conhecer melhor as diversas correntes de espiritualidade ao longo da história do cristianismo e a riqueza que muitas destas são para uma visão atual da vida espiritual. O curso terá início no próximo dia 14 de janeiro de 2025 e termina a 24 de junho 2025. Realizar-se-á no Centro Pastoral [Seminário de Aveiro], às terças-feiras, com vertente presencial e *online*. Serão formadores os padres João Alves e Nuno Queirós. [🔗](#)

I Jornada Bíblica do Patriarcado de Lisboa

Seminário dos Olivais, 18 de janeiro de 2025



A I Jornada Bíblica do Patriarcado de Lisboa, organizada pelo Instituto Diocesano da Formação Cristã, realiza-se a 18 de Janeiro de 2025, no Seminário dos Olivais. O evento abordará a temática da esperança na Bíblia, com palestras, painéis de testemunhos, eucaristia e momentos de oração. São conferencistas nesta Jornada o P. João Lourenço, ofm, com o tema «Paradigmas bíblicos da esperança»; «Salmos: a esperança traduzida em oração» é o tema a tratar pelo P. Ricardo Freire, scj e o P. César Silva, svd, abordará o assunto «Na esperança, alegres (Rm 12,12): esperança, uma menina que parece não ser nada». [🔗](#)

Da Amizade

Curso de Filosofia, Literatura e Espiritualidade, Lisboa, 20 de janeiro de 2025



Entre 20 de janeiro e 5 de maio de 2025, a Capela do Rato promove a 10.ª edição do curso de Filosofia, Literatura e Espiritualidade, com o tema "Da Amizade". Coordenado pela Professora Doutora Maria Luísa Ribeiro Ferreira, o curso abordará obras e autores importantes, com chaves de leitura apresentadas por Conferencistas de referência da Cultura Portuguesa em 12 sessões híbridas (presenciais e *online*), realizadas às segundas-feiras, das 18h30 às 20h00. A inscrição é obrigatória e pode ser feita no *site* oficial. [🔗](#)

O MEU DIÁRIO NO CARMO DO FRADINHO

Livro Três



No primeiro livro desta trilogia (intitulado Primeiras Impressões), o autor relatou a sua chegada à cidade de Braga, em janeiro de 2002. No fundo, estava mergulhado num processo de sanção curando-se de vários conflitos e situações dolorosas que haviam sobrevindo à sua vida nos últimos anos. No segundo livro do seu Diário intitulado Entre-ver, ao autor está imerso num caminho com muitas dificuldades, tentativas e erros, não sem dor e dúvidas, no qual a esperança começa a florir na sua vida, a meio da noite. Finalmente, neste terceiro e último volume, Subida Ao Monte Carmelo, o autor culmina o seu caminho pessoal para a luz, em razão do qual tera de atravessar as diversas cruces que lhe foram saindo ao caminho. Nesta viagem o autor ficou alojado no albergue do convento dos Carmelitas Descalços em Braga. À sua chegada, a comunidade estava a recuperar a figura de um carmelita do século XIX, Frei João d'Ascensão, popularmente conhecido por Fradinho. A sua figura está presente em todas as páginas deste diário como um fio condutor.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustr

Uma interpretação mística dos extremismos políticos. Rui Guerra explora a ligação entre extremismos políticos contemporâneos e uma busca espiritual distorcida. Argumenta que os radicalismos são respostas humanas ao vazio existencial, desviando-se do verdadeiro caminho espiritual. O autora sugere que, em vez de alimentar divisões, é necessário reorientar essa busca por transcendência para valores que promovam paz e unidade. O texto convida à reflexão sobre o papel da espiritualidade em tempos de crise social e política. [🔗](#)

O papel da mulher na Igreja.

Gustavo Borges discute a necessidade de repensar a presença e o papel das mulheres na Igreja Católica. Reflete sobre os desafios atuais, como as desigualdades de género e a falta de visibilidade feminina, e menciona as respostas do Papa Francisco. Destaca a dignidade única da mulher, afirmando que sua missão é diferente, mas igual em valor à dos homens, e que a Igreja, simbolicamente feminina, depende do "sim" de Maria. [🔗](#)



3º Congresso
S. Teresinha do Menino Jesus
6-8 junho 2025
100 anos | Canonização

Desenho de infância de S. Teresinha

Conferências

A santidade como fonte de esperança
P. RICARDO FIGUEIREDO,
PATRIARCADO DE LISBOA

Teresinha na escola do Carmelo
P. JOÃO REGO, ocd

Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai
P. MANUEL REIS, ocd

A compreensão da caridade fraterna
P. RENATO PEREIRA, ocd

Uma vida feita missão
P. JOAQUIM TEIXEIRA, ocd

Um caminho de fé e confiança: até à prova da noite
IR. ANTONELLA PICCIRILLI, omb

Painel *A que me desafia S. Teresinha do Menino Jesus?*
uma jovem INÉS AMARAL
uma família EUGÉNIO MANSO, ocds
uma consagrada e missionária IR. GRACINDA ALBERTO, sjc

Domus Carmeli
Rua Imaculado Coração de Maria, 17 | 2495-441 FÁTIMA
congressos@domuscarmeli.net | www.domuscarmeli.net

OPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO: Presencial | on-line

Tel. 249 530 650
(chamada para a rede fixa nacional)

QR CODE

ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS

III Congresso sobre Santa Teresinha

De 6 a 8 de 2025 os Carmelitas Descalços organizam em Fátima (Domus Carmeli) o III Congresso sobre Santa Teresa do Menino Jesus, sob o lema: «Só a confiança e nada mais que a confiança tem de conduzir-nos ao amor» (Cta 197).

Esta é uma das convicções de Santa Teresinha do Menino Jesus que inspirou o Papa Francisco a publicar a Exortação Apostólica *C'est la confiance*, para assinalar os 150 anos do seu nascimento e o primeiro centenário da sua canonização.

Na vivência de mais um Ano Jubilar sob o lema *Peregrinos de Esperança*, a organização decidiu, na sequência dos dois congressos anteriores – «A Ciência do Amor» (2005) e «No Coração da Igreja» (2024) –, programar o III Congresso sobre Teresa de Lisieux – «Só a Confiança» (2025) –, a fim de se ressaltar a sua experiência de Deus, vertida para os seus escritos, alguns núcleos fundamentais da vida do cristão: a fé, a esperança, a caridade fraterna, a misericórdia, a missão... e a santidade, enraizada na fragilidade da experiência humana sobre a terra.

Teresinha enraizou de tal forma a sua vida na frescura do Evangelho que encontrou na fragilidade um caminho para a santidade, pois a sua confiança em Deus misericordioso era sem limites.

Os dois congressos anteriores ajudaram a recuperar a confiança e a abrir novos horizontes de esperança àqueles que neles participaram.

Programa

- I. Conferência:** A santidade como fonte de esperança
P. Ricardo Figueiredo
- II. Conferência:** Teresinha na escola do Carmelo
P. João Rego
- III. Conferência:** Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai
P. Manuel Reis
- Painel:** A que me desafia Santa Teresinha do Menino Jesus?
– Inês Amaral,
– A família Eugénio Manso,
– Ir. Gracinda de S. José de Cluny
- IV. Conferência:** A compreensão da caridade fraterna
P. Renato Pereira
- V. Conferência:** Uma vida feita missão
P. Joaquim Teixeira
- VI Conferência:** Um caminho de fé e confiança:
até à prova da noite
Ir. Antonella Piccirilli





Jubileu e esperança

Armindo Vaz, OCD



El Greco
Monte Sinai (1570-72)
Museu Histórico de Creta, Heraklion

«O Senhor falou a Moisés no monte Sinai, dizendo: “Nesse ano de **jubileu**, retornareis todos às respectivas propriedades. Se venderes alguma coisa ao teu próximo ou dele a comprares, não vos prejudiqueis um ao outro. Comprarás do teu próximo, tendo em conta o número de anos transcorridos desde o último jubileu: ele venderá a ti, tendo em conta os anos de colheita. Quanto maior for o número desses anos, tanto mais subirás o preço de venda; e quanto menor for, tanto mais descerás o preço, pois ele vende-te um determinado número de colheitas. Ninguém de vós prejudique o seu próximo. Teme o teu Deus, porque Eu sou o Senhor, vosso Deus”» (Levítico 25,1.13-17).

No passado dia 18 de Dezembro, o Papa Francisco declarou santas as bem-aventuradas 16 Carmelitas Descalças do convento de Compiègne, que tinham sido beatificadas como mártires por Pio X em 1906. Foram guilhotinadas *por ódio à fé* no dia 17.7.1794 em Paris, no final do Terror durante a Revolução Francesa. A esperança com que elas se ofereceram a Deus pela paz entre o Estado e a Igreja foi julgada como «fanatismo» pelo tribunal revolucionário que as condenou à morte. Aceitando livremente a morte e dando a vida, com Deus pelos homens, tornaram-se consciência da humanidade. Deram testemunho da igualdade, da liberdade e da fraternidade aprendidas do evangelho de Jesus: «Vós sois todos irmãos» (Mt 23,8).

Numa das exortações mais convincentes da Bíblia, Paulo incute aos cristãos Romanos confiança inatacável, apontando precisamente a **esperança** como razão para superar os ataques à vida humana: “Somos tratados como ovelhas destinadas ao matadouro. Mas em tudo isto saímos vencedores graças àquele que **nos amou**. Sim, estou certo de que nem a morte nem a vida..., nem o presente nem o futuro..., nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (8,36-39). Por isso, “a vida que agora tenho na carne vivo-a na fé do Filho de Deus que **me amou** e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). Esta não é uma esperança vazia e infundada. Tem conteúdo. Fundamenta-se no amor histórico de Jesus, ao manifestar em pleno o amor de Deus salvador no arco temporal que se abriu com o seu Natal. A esperança da humanidade no Desejado de todos os povos começou a efectivar-se no seu Natal.



Três perguntas e... mais uma

O Meu Diário no Carmo do Fradinho (três volumes)

1. O que é que vieste aqui fazer?

No meu Diário, falo várias vezes desta questão. Faço-o em dois sentidos muito diferentes. Em primeiro lugar, há o que poderíamos chamar o sentido de obrigação profissional ou de trabalho.

Cheguei a Braga em janeiro de 2022 graças a uma bolsa de investigação que tinha recebido, dado o meu estatuto de professor universitário em Espanha. Tratava-se de uma bolsa de doze meses, dividida em dois períodos de seis meses cada, a realizar entre janeiro e junho de 2022 e 2023. Não conhecia a cidade de todo. Podia ter escolhido qualquer destino na Europa. Se escolhi Braga, foi basicamente porque a minha universidade de acolhimento estava a trabalhar nas mesmas linhas de investigação em que eu trabalho há muitos anos. E, em segundo lugar, porque a proximidade de Espanha me permitiria tornar mais suportável este período fora da minha casa habitual.

Para além deste sentido de obrigação profissional, existe um outro, bem diferente, que marcou os meses que passei em Braga. Poderia chamar-lhe um segundo sentido de vocação. Desde os primeiros momentos que me perguntei *o que é que eu era chamado a viver durante aquele tempo em Braga*, qual era o chamamento que Deus me fazia, no aqui e agora vivido naquela cidade, num momento tão crucial da minha vida.

Nos anos imediatamente anteriores à minha chegada a Braga, a minha vida tinha entrado numa encruzilhada, num daqueles momentos decisivos que a todos, mais ou menos, nos tocam em ocasiões especiais. Desde 2020, tinham-me sucedido alguns acontecimentos importantes e algo traumáticos, e eu precisava de colocar algum espaço pelo meio e fazer um trabalho interior para os processar, incorporar e ler com os olhos de Deus, a fim ver o que Ele me queria dizer.

É por isso que no livro falo do que tenho de fazer por obrigação e também, noutro sentido, do que tenho de fazer por vocação. Falo do trabalho e das preocupações que ocupam o meu tempo, a minha mente e o meu coração, e das perguntas e propostas que surgem na minha vida como apelos de Deus. Neste sentido, acredito que esta tensão é a que todos os adultos experimenta-



O MEU DIÁRIO NO CARMO DO FRADINHO

(Edições Carmelo. PVP 9,00€)



Autor: Víctor Manuel Marí Sáez

mos, com as nuances das circunstâncias que nos rodeiam a cada um de nós. E, por isso, acredito que o meu livro pode conectar com aqueles que sentem que, nas suas vidas, é importante deixar tempo e espaço para que "o que têm de fazer" como vocação surja cada vez mais forte.

2. Qual foi a motivação para escreveres O Meu Diário no Carmo do Fradinho?

Bem, nesta entrevista, realizada no final de 2024, olho agora para trás e, após o percurso de todos estes meses passados em Braga, vejo como aquelas questões de fundo que tinha quando cheguei à cidade, em 2022, foram ganhando forma. Mas, no início, apenas existiam intuições, algumas

delas nem sequer conscientes, do que eu queria ou precisava de viver. Por isso, o caminho que percorri, de que falo no livro, não foi isento de dúvidas, de tentativas e erros e de situações dolorosas.

Para além da situação traumática que tinha trazido comigo, fruto dos problemas de trabalho e de saúde que tinham entrado na minha vida, houve as dificuldades com que me deparei quando cheguei a Braga. Dificuldades laborais, mais uma vez, porque na minha universidade de destino não tive o acolhimento necessário para desenvolver o meu trabalho. E também dificuldades logísticas, porque cheguei a um sítio onde havia sérias dificuldades em encontrar alojamento a um preço razoável, fruto da especulação imobiliária e dos processos de turistificação. Um problema que não tinha imaginado antes de vir, pois Braga é uma cidade mais pequena do que outras como Porto ou Lisboa, onde estes fenómenos são vividos com uma intensidade semelhante à de outras grandes cidades espanholas como Madrid ou Barcelona.

Não me vou alongar sobre este percurso inicial – que está resumido na introdução do primeiro volume do meu diário –. Mas na minha procura de um lugar para viver, com preços razoáveis e com condições para fazer a "viagem interior" de que necessitava, recebi algumas recusas, porém, felizmente, o meu pedido foi ouvido no convento dos Padres Carmelitas Descalços de Braga. Abriram-me espaço no albergue onde se alojam os estudantes que chegam dos países lusófonos.

Desde os primeiros momentos, o prior da comunidade falou-me de Frei João d'Ascensão, um carmelita do século XIX cuja figura exemplar estava a ser recuperada. A sua estátua tinha sido colocada à entrada da igreja alguns meses antes da minha chegada, pelo que, nas minhas idas e vindas quotidianas, me deparei e interroguei sobre esta figura (em todos os sentidos da palavra), magnética e enigmática ao mesmo tempo.

Foi nesses primeiros tempos que a ideia de escrever o livro, me atravessou como um relâmpago. Apercebi-me de que me encontrava em circunstâncias semelhantes às vividas por um dos mais influentes autores sobre crescimento pessoal e espi-

ritual, Henri Nouwen (1932-1996), quando escreveu um dos seus best-sellers: *My Diary at Genesee Abbey*. É um dos livros mais autênticos que já li, no qual Nouwen relata a sua vida durante os meses que passou na abadia cisterciense, nos EUA, que dá nome ao livro.

O *Meu Diário na Abadia de Genesee* já o tinha lido e relido inúmeras vezes ao longo dos últimos vinte anos. E pensei muitas vezes que gostaria de me encontrar em circunstâncias que me permitissem escrever algo semelhante a este livro. Salvando as distâncias, claro, porque estamos a falar de um dos autores mais influentes da espiritualidade cristã do século XX.

Assim, *O Meu Diário no Carmo do Fradinho* foi algo que não previ, que entrou na minha vida e que me permitiu iniciar o processo de cura de que necessitava, ao mesmo tempo que ia conhecendo Frei João d'Ascensão, que ia lendo o que sobre ele se havia publicado nos últimos tempos e participando nas actividades organizadas para o dar a conhecer.

3. Será que Deus conhece as armadilhas que os inimigos nos preparam?

Não posso responder a esta pergunta como teólogo, porque não sou teólogo. Mas posso tentar responder-lhe como pessoa e como crente. Com a minha idade (nasci em 1970), já tenho uma certa experiência dos inimigos que encontrei ao longo da minha vida e do mal que o ser humano é capaz de pôr em ação. Mais concretamente, tive a oportunidade de sofrer na minha carne a ação de adversários e inimigos que, na minha universidade espanhola, me atacaram ao ponto de gerar a situação que me levou a entrar em crise e a ter de vir a Braga para procurar uma resposta adequada.

Acredito que Deus nos conhece profundamente cada um de nós. Ele sabe de que é que somos feitos, o positivo e o negativo que habita no nosso coração. E, para responder à pergunta, creio também que Deus conhece as armadilhas que os nossos inimigos nos preparam.

Basta ler a Bíblia para nos apercebermos disso. Basta, por exemplo, recorrer ao livro de Job, onde vemos, paradigmaticamente, uma experiência semelhante àquela por que passaram, injustamente, outros homens justos e profetas de que fala o texto sagrado. Há alguns meses, faleceu o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez,

que escreveu um livro maravilhoso sobre Job, *Falar de Deus a Partir do Sofrimento dos Inocentes* (1986), um texto que li na minha juventude e que me marcou profundamente.

Depois de ler livros como Job – ou vários dos Salmos –, é impressionante a pouca evolução do coração humano nos últimos vinte e cinco ou trinta séculos! O desenvolvimento científico e técnico do nosso tempo contrasta com o subdesenvolvimento ético, espiritual e moral de muitos dos nossos contemporâneos.

O mal é retratado de forma perfeita e marcante nestes textos. E, sobretudo, na Paixão de Jesus, o Cristo, onde o Filho de Deus culminou este processo em que os inocentes são atacados e, finalmente, executados pelos seus inimigos do bem, da justiça ou, para usar uma terminologia cristã, por aqueles que se opõem à vinda do reino de Deus.

e... 4. Por fim, quem é para ti o Fradinho?

Não é fácil para mim dar uma resposta fechada ou definitiva a esta pergunta. Há muitas fotografias do Fradinho: de diferentes perspectivas, em diferentes alturas do ano, com a luz do sol em diferentes posições e com uma grande variedade de cores. A minha experiência do Fradinho é igualmente dinâmica e provisória.

Para começar, surpreende-me que alguém como Fradinho, que viveu numa época aparentemente tão diferente da que vivemos hoje, esteja agora a ser resgatado! Assim como me surpreende a ligação pessoal que tenho com alguém, como ele, de um lugar e de uma época tão diferentes em tantos aspectos da minha. Resta-me tentar situar tudo isto em termos da ação misteriosa de Deus na história e na vida das pessoas.

Dito isto, não quero fugir à questão sem dar pelo menos algumas respostas provisórias. Aliás, esta pergunta é uma constante no livro, à qual respondo, de forma indireta, através da frequente referência que faço ao Fradinho para pensar como ele viveria alguns dos acontecimentos ou situações que eu tenho de viver.

Neste momento, destacaria dois elementos da sua figura que, particularmente, me prendem a atenção. Um é a sua busca de transcendência num contexto sócio-cultural que, na sua maioria, se orientava no sentido oposto. Vivemos hoje algo de semelhante, com outras nuances, nas sociedades europeias. Uma mística

francesa da segunda metade do século XX, Madeleine Delbrêl, disse, por volta dos anos 50, que chegaria o dia em que o nome de Deus causaria indiferença.

Posso imaginar o espanto daqueles que, do catolicismo nacional que prevalecia em Espanha naquela altura, ouviam esta afirmação. Soar-lhes-ia a algo de extraterrestre. Hoje, quando a onda de secularização e de descrença chegou a Espanha com tanta ou mais força do que a que abalou outros países europeus nas décadas anteriores, a indiferença pelo nome de Deus é, para muitos, uma realidade.

Neste contexto, penso que a figura de Fradinho é uma luz no meio da noite para aqueles que procuram a transcendência, num clima marcado pela banalidade e pela indiferença. É alguém que, quando se aproximava o fim da religião e da sua presença na vida pública, teve gestos profundamente cristãos. Levantou-se e pôs-se a caminho, juntamente com outros, com a palavra de Deus no coração e com a mão estendida num gesto de solidariedade e de amor fraterno. Creio que em tudo isto há uma profunda mística que pode ser útil para aqueles de nós que, hoje, atravessamos as suas noites escuras pessoais, comunitárias e sociais.

O outro elemento que eu gostaria de resgatar da figura de Fradinho está relacionado a um sinal dos tempos de nossa época. Nem tudo é negativo na atual situação sócio-cultural. Desde há algum tempo, temos vindo a assistir a um renascimento da procura do silêncio e da contemplação. Há cada vez mais grupos e indivíduos de diferentes tradições espirituais a querer fugir do ruído, no sentido polissémico da palavra, para abrir espaços de silêncio, de contemplação e, em alguns casos, de oração nas suas vidas.

Refiro-me a uma recuperação, com outros matizes, de uma corrente mística que assumiu diversas formas ao longo do século XX e no início do século XXI, e que nos convida a ser místicos na cidade, contemplativos em ação, no meio do mundo. O testemunho de Charles de Foucauld é um exemplo paradigmático disso mesmo. A sua canonização pelo Papa Francisco, em maio de 2002, é uma declaração de princípios sobre o tipo de santidade que pode florescer no nosso tempo.

O meu presépio em 2024

Frei João Costa, OCD



Jean-Thierry – Fonte: www.carmeloligure.it

Só lá muito no finzinho, já no fim da véspera de Natal, num cantinho da minha cela, também eu armo o presépio. A mãe está lá. O pai está lá. Ela tem lágrimas e lágrimas ele tem. E serena alegria também; esta orlada de lindas perlas caindo das persianas de seus olhos. O menino, Deus e carne da nossa carne, também está lá. Umhas vezes, dormindo, outras, sorrindo. Outras, mamando nos peitos da mãe que, de quando em quando, também lhe *lala*, o embala e lhe troca as fraldas. Tal é o meu singelo presépio.

Há quem, a cada ano, lhe acrescente uma figura. Eu todos os anos lhas transmudo, não importa se meninos, se reis, se pastores, se judeus ou ateus, estrangeiro ou doutores. Virá quem vier.

Aqui vão, pois, as figuras do meu presépio de 2024:

O ANJO VISITADOR

Todo o presépio tem o seu anjo. Eu gosto de anjos, mas sem espada nem vinganças. Há uns cantores, outros trombeteiros, outros com turíbulos fumegantes, com harpas ou com partituras do *Gloria in Excelsis Deo*. Há uns amparando os passos de meninos a caminho da escola, outros velando-lhes o sono, outros tangendo baixinho violinos e sininhos.

Eu gosto muito de anjos colectores de lágrimas, com paninhos de linho branco nas mãos. Como tanto gosto destes, sim! Mas, depois da Pandemia conheci e aprendi a reconhecer, e a melhor apreciar, os anjos visitantes de sacrários. Há dias conheci um que me infundiu espe-

cial ternura. Já a escuras desoras ia eu fechando a igreja, quando, correndo, se me aproximou um deles. Se eu podia esperar um minutinho que fosse, disse, para que entrando um instantinho na igreja, adorasse. Aí eu pensei que o minutinho solicitado, talvez pudesse durar tanto como o antigo *Minuto de Silêncio* – esse tão solene e nobre minuto que durava sempre entre os quinze e vinte! Sim, eu pensei isso e dispus-me à demora que, porém, a tanto não chegou, embora demorasse bem mais que o breve minutinho.

À saída, discreto, já semi-fechada, eu guardava a porta; aí, ele adveio e disse-me:

– *Muito obrigado, senhor, por ter esperado um minutinho!...*

– *Ómessas, lhe respondi, mais esperaria, se necessário. – E era verdade.*

– *É que é tão importante para mim, este minuto do meu dia...*

Óbvio que eu imaginara que sim; mas sem mais nada dali pedir ou perceber. E aí, sem mais perguntar, disse-me o anjo:

– *O senhor nem imagina! É que eu nem sempre posso ir à Missa. Muitas vezes falto aos domingos, porque a vida se me descompõe. Mas sempre que vou à igreja de Tal Parte, logo depois venho tão longe, à Igreja do Carmo – a única que todos os dias sei aberta até tão tarde – para visitar Jesus que na comunhão antes docemente me visitou, entrando em meu coração, e sem eu merecer! Então, como lhe digo, padre, logo de seguida, faço-Lhe uma visitinha sempre curtinha, mas muito agradecida, de coração a*

coração, por Ele me ter visitado na comunhão! Muito obrigado pela sua simpatia, portanto!

– Muito obrigado eu pela lição, me repeti baixinho e agradecido, só de mim para mim.

Não importa se apressado, se adorador, se calmo ou agitado, se correndo, se parado; no presépio deste ano vou colocar um Anjo Visitador com palavras mansas e abraçado coração adorador.

ESCRITORES

Para mim, escritores são como palhaços. Tantas vezes, chorando, fazem rir. Tantas vezes rindo e brincando, fazem pensar e chorar. Estes não são comentários depreciativos, são o reconhecimento da versatilidade de tantos homens e mulheres que, semeando carreiras de letras e de sinais pequeninos, interpretam os sentimentos da comunidade, enformam valores, enfrentam malvados lugares comuns e encorajam palavras em falência de sentido. E têm também de escrever sobre Natal, mesmo que, no Dia, não tenham com quem repartir a posta de bacalhau e a batata fria que trouxeram para casa numa cuvete.

Este ano, nas redondezas da manjedoura da Palavra, o meu presépio terá uma velha máquina de escrever. Mesmo que a máquina só escreva banalidades sobre o «*ver a iluminação do natal*», ainda assim eu irei colocá-la, sim.

SENHORA DO OBRIGADO

Na realidade é mais que uma senhora, são várias. São todas velhotas, são todas do povo, todas humildes, todas gastas, todas pequeninas. Se as vir na rua não as reconhecerei a todas, na igreja sim, sobretudo quando lhes dou a comunhão:

– *O Corpo de Cristo*, lhes digo.

– *Amen*, me retribuem.

E posta a confissão de fé, na mão lhes deponho Deus no Sacramento Alvíssimo que elas elevam à boca, logo comungam e depois se retiram a coxear, a bambolear, a tropegear.

Há, porém, uma senhora, ou um grupinho delas, mas cada uma em sua vez e em diferentes missas, que antes de comungarem, mas já com o Corpo na mão, ainda me olham e crescem baixinho:

– *Obrigado!*

Ou, se mais não me conhecem:

– *Obrigado, senhor Padre!*

Sim, neste Natal eu vou colocar no presépio um *obrigado* em forma de sacrário e de senhoras velhinhas, piedosas e baixinhas. Gastas e cansadas.

UM MÉDICO

Quando nasceu na gruta de Belém, o menino não teve direito a assistência médica, nem de médico, nem de enfermeira, nem de parteira, nem de *mulher curiosa* como a minha avó que, só de filhas e noras, *parturiou* quase quarenta netos.

O médico que no presépio deste Natal, de joelhos, ali vou colocar, não é o médico que na gruta falhou na noite de Natal. Não é esse, não. Vou colocar um que conheço bem, de nome, de vida e de lágrimas. Que vejo muitas vezes ajoelhado, cabeça entre as mãos, e a seu lado, o câncer que, medra, comendo-lhe o corpo. O médico chora muito e reza muito, mas não é só por causa do câncer que tem, ou pela saúde que não tem. É pelos muitos doentes que quando, as horas se apoucam, não lhe permitem mais visitar. E como a tantos não pôde visitar, então ao fim do dia, vem visitar o Senhor na Cruz e apresentar-lhe os que mais uma noite e um dia vão ficar sem a sua visita.

O meu presépio, este ano, tem um médico, de joelhos, a rezar e a chorar.

O CÃO QUE LÊ

Quando algures, ao longo do ano, seja verão, seja inverno, subo a Rua dos Chãos, pelo lado esquerdo, que é onde sempre os vejo, deparo-me com um presépio de um mendigo só e seu velho cão. Pelo porte, o cão é de raça nobre.

Devem passar ali a noite, ao relento, porque sempre os vejo por volta das nove horas, e depois não mais. Há uma só mantinha por perto, o que me leva concluir que dormem juntos e agarradinhos. Se ali não ficam, é sinal que dali se retiram e depois se voltam invisíveis. O homem magro, que nunca vejo a comer, deve ser filósofo, pois sempre lê um livro – ora aí esta uma boa decisão para bem começar o dia, mesmo que o leia de pernas para o ar – acto só ao alcance de filósofos! E talvez seja sempre o mesmo livro, como quem anda buscando o lado escorrito de ler; não vejo nisso, aliás, mal algum.

O cão sempre tem três pias, duas de metal e uma de papel – um livro.

A primeira pia está sempre cheia de biscoitos de cão. A segunda tem água do Luso. Sempre que os vi, também nunca vi o cão comer ou beber, mas deitado em cima de uma manta grossa, de focinho no chão, está postado e afilado para o livro. Porque não é míope, o cão lê. Eu sei que lê, que eu sei distinguir o porte dum cão afeiçoado à leitura de um viralata que o não seja.

O meu presépio de 2024 tem um cão que lê.

Para mim, escritores são como palhaços. Tantas vezes, chorando, fazem rir. Tantas vezes rindo e brincando, fazem pensar e chorar.



AGOSTINHA

Também havia lavradas, mas a minha terra inclinava-se mais para as *laboiras*. Porque as conheci, fui e sou mais das *laboiras*; algumas delas rasgando leivas na terra com quatro juntas de bois ou mais! Uma *laboira* assim tinha de ter *home* que soubesse de *governo* de gentes e alimárias, mesmo tendo em conta que quem *chamava* as outras juntas não era nunca burro nenhum!

E se no campo, o *home* comandava o exército das enxadas e charruas, na casa, a mulher comandava o forno, o lume da lareira, as raparigas, os criancos, o exército das arcas, dos potes fumegantes, das pipas, jarros, infusas e pratos, e os pobres que sempre mais apareciam nas alturas de fartura, a rezar pelas *almas de quem Bocê lá tem*.

Uma *laboira*, só para que se saiba, era algo quase tão sagrado como uma procissão de cardeais no Vaticano! E, repare-se bem: Vaticano há um só!

Pois, eu lembro-me bem desse tempo solene.

Nas *laboiras*, ceifas e vindimas, lembro-me da alegria de ver a Agostinha e as filhas chegarem ao *ajuntamento do pessoal* com açafates à cabeça e abrirem os mantéis e nos matarem a larica. O que nos traziam nem era o mais importante. Antes sim, o modo alegre e abençoado como no-lo repartiam, dos mais velhos para os mais novos – essa era toda a nossa mais que justa recompensa! A mim, que à altura não passava de *canalhico*, bastava-me receber um pedaço grande de broa com uma rodela de salpicão, um casco de cebola e pimento vermelho curtido em vinagre!

A Gustinha tem agora 94 anos. Pode ser que se aguate, ouço dizer, mas para aquelas bandas o frio sempre teve galões de imprevisto general meio maneta – traiçoeiro, quero dizer. E pode ser que ela, entretanto, se vá. E se não, até pode alcançar o século. Já se verá. O que este ano se viu é que a essa *mulher de laboira*, robusta como um toiro, isto é, que extraordinariamente se sobrepunha a tantas mulheres extraordinárias, com um bando de filhos em volta do avental, que governava um galinheiro de duas dúzias de ovos ao dia, meia vara de porcos e uma quadrilha de arados, *mai-lo* o pessoal auxiliar, aquela mulher que sabia cantar as cantigas das ceifas e das mondas, *mai-las* das *laboiras* e *bindimas* e, ao domingo, fazer uma roda de namorados, moçoilas e rapazes novos, e pô-los todos a bailar, essa mulher que sabia vigiar a tradição e que, sem falar alto, *em botando faladura*, até os *homes* a escuitavam, e os pregadores também, essa mesma, sim, dessa mesma, a Gustinha, houve de saber-se no princípio deste ano que empenhava a compasso dum só pestanejar. Sem demora, agarrada a um chamiço tosco de medronheiro, revelou e seca como uma raiz, assomou-se à *Igreja de São Çupriano*, como uma sombra, numa das raras vezes que o Padre Novo lá foi, para que ele *le botasse* a Unção Santa. E ele *la botou*, diz o povo, *como le competia*. Nem mais.

Desde esse dia, Gustinha deixou de cantar as nossas cantigas, de dizer os nossos ditos, contos, refrães e lendas, e já não *bota cintenças*. Dizem que alguma coisa ela deve ter visto ou sentido, ou pressentido, coisa que ninguém sabe e só alguns, poucos, como ela, entre-

veem. Agora passa calada o fio dos dias, das semanas e dos meses, talvez à espera do céu, quem sabe, e de *cando em vez*, lá vai cantando baixinho à Imaculada Conceição, como quem embala um menino:

*Ó mais formosa *
que a linda rosa do meu jardim
no berço lindo, a luz sorrindo,
branco jasmim.*

*Meu doce Jesus menino
de rosa, lírio mortal,
vinde nascer em minh'alma
possul meu coração.*

(* *Cântico da Paróquia de Aboim da Nóbrega, Vila Verde*)

Ou essoutro que ninguém sabe onde ela o achou:

*Senhora do manto lindo, **
mostrai que sois nossa Mãe;
olhai para nós, sorrindo,
e sorriremos também.*

...

*Senhora do manto-puro,
quer diga sim ou quer não,
o mundo está seguro,
na concha da vossa mão.*

...

*Senhora do manto-brilho,
o caminho custa tanto!
Levai-nos ao vosso Filho
nas dobras do vosso manto.*

...

*Senhora do manto-neve,
que nos cobre e agasalha,
assim que a morte nos leve
seja ele a nossa mortalha.*

(** *Cântico do Santuário da Senhora do Sameiro – Braga*)

OITO CÍRIOS

Em finais de junho deste ano, muito para lá de longe das luzes de Natal – que quase só brilham no Advento! – fui às *Freirinhas do Sorriso* comprar presépios. Responderam que não havia, mesmo quando disse que não ser para comércio, mas para oferecer. Mas não mais havia, e nada trouxe.

Em finais de outubro, avantejei-me e fui-me lá de novo; disse quem era e disseram-me que dispensariam cinco – *Nada mal*, disse-me eu a mim mesmo. Entretanto, convidaram-me a entrar na silenciosa capela privada da comunidade e vi uma Menino Jesus das Palhinhas tão lindo, tão lindo e tão grande e de sorriso tão gentil que, de pronto, me roubou o coração. De braços estendidos, sorrindo, o Menino falou comigo:

– *Leva-me contigo!*

Eu respondi-lhe:

– Não posso! Tu és das Freirinhas do Sorriso!

– Leva-me contigo, insistia-me ele!

Não podendo consolá-lo, contrariei-o de vez:

– Ficas aqui, nesta cova de Belém, que ficas bem! E eu vou para casa trabalhar e levo-te no meu olhar. Concorde?

Concordasse que não concordasse, ficaria e ficou. Mas o que naquela hora mais me agarrou foi que o Santíssimo Sacramento estava exposto e, rodeando o altar, estavam oito velinhas de cera imaculadamente branca, todas mais que octogenárias, todas mais que muito pequeninas, todas em cadeira de rodas, de roupinhas muito humildes, muito caladinhas, de coração ardente, olhar todo em Jesus! Ainda pensei que dormissem e, duvidando, rodei levemente o olhar para um lado e levemente para o outro, mas elas estavam vigilantes e despertas, como quem está no céu, entre anjos contemplativos!

E fiquei-me ali, mudo e quedo, durante um bom *trancação* de tempo; e é assim que, este ano, o meu presépio mais que uma imagem dum menino a sorrir, terá, sim, diante da manjedora, oito pequeninas cadeirinhas de rodas. É que mudo regressei a casa, pensando nisto: quanto vale hoje um velho ou velha? Obviamente muito, mesmo que o não saibamos sopesar! Quanto pode render um entrevado em casa? Provavelmente nada e, se for azedo, até será de fugir! E quanto para o mundo vale uma pessoa que reza, velha seja ou não, leiga, frade, padre ou freira, governante ou bispo? Muito vale qualquer desses velhos, claro! E como imagino que nenhuma daquelas *Freirinhas do Sorriso* algo trabalhe, algo renda, e juntas elas só deem um valente óctuplo trabalho, logo concluí que do ponto de vista financeiro, aquelas velinhas orantes valham muito pouco, pouco mais que as de cera verdadeira! Deus me perdoe! Enfim, talvez pouco mais valham, sim, apesar de nada haver que tanto eleve o mundo como a oração...

E é assim que fico na dúvida: neste ano de 2024, tão manco e tão escuro, ao construir o meu presépio, este terá ou oito círios acesos ou oito cadeirinhas de trôpegas rodas. Logo se verá. Ainda não decidi.

COCA-COLA ZERO ***

À semana, às oito horas, ao domingo, às dez, tenho como ajudante na Missa um menino especial. De coração bom. Voz grossa e doce. Atento. Disponível. Servicial. Colaborante. Interessado. Inteligente e abispado.

Não vou dizer o nome, porque toda a gente o conhece bem, gosta dele e sabe que o que aqui escrevo é inteira verdade. Só não vem à Missa se estiver doente. No resto, ajuda, canta e reza, às vezes, a destom e a destempo, mas ninguém leva a mal. Tem quase cinquenta anos e notáveis dificuldades em fazer-se entender. Mas quem é que disse que para ajudar – sobretudo se todos sabe-

mos o nosso papel de cor, isto é, de coração! – tínhamos de falar? Pelo menos na Missa isso é possível; bastante é falar apenas com os olhos – em silêncio.

Um destes dias, descendo eu, encontrei-o subindo a Rua do Carmo. Trazia-a uma saca plástica na mão dum supermercado local. Quando nos cumprimentamos, ele ergueu a saca pelas asas, uma em cada mão, e impôs que eu visse o que trazia. E eu espreitei, claro, e vi; vi e mesmo perante a evidência ainda lhe perguntei:

– Que trazes aí, Fulano!

De coração enorme e palavras escassas, imperou-me:

– Ola! Ola outra vez!

E eu voltei a olhar, claro. E quedei-me novamente sem perceber. Aí, ele acrescentou:

– É para a Igreja! Vou à Igreja!

Estava ele, visivelmente confundido, e quase a embirrar comigo, como se eu houvera feito propósito de parvo; porém, como que apercebendo-se de que eu continuava sem sinais de perceber, disse-me:

– Fostetu que peliste!

– Como fui eu que pedi, menino!?! – Interrogava-me também eu a mim, meio descoroçoado e quase aborrecido.

– Mas foste tu que peliste, pala o Fladinho!

Ah, sim, aí sim, aí finalmente acordei e percebi e fiz um grande e *Ahhhhh!* que quase o assustou! E eis que, em honra de tal dedicado menino, meu amigo e ajudante, o meu presépio deste ano, terá também uma Coca-Cola Zero. Ficar lá em recordação de tantas e tantos que, durante este Advento, mais uma vez, encheram *O Saquinho do Fradinho* e permitiram que, juntos, ajudássemos a preencher melhor o prato de algumas famílias pobres.

Bacalhau não deram, mas digo-vos uma coisa: aquela Coca-Cola Zero vale mais que o porão dum navio carregado dele!

*** Oito dias depois, foi um *Pepsi!*

ANTÓNIO PEDRO PEREIRA

E vou colocar o António Pedro que morreu, hoje, antes dos cinquenta, a escassos dez dias do Natal. A ele, e aos que mais o choram: a mulher, Susana, a Bia e o Pedrito.

Dizem que morreu sentado numa cadeira no fundo de um navio. Trabalhando só, morreu só, sentado naquela cadeira. A cadeira não tinha folha d'ouro nem berloques nem cornucópias nem veludo, mas ele nela morreu, ou como rei que manda, ou como almirante que abre uma rota nova no infinito mar.

Sim, o meu presépio deste ano tem ainda uma cadeira e um rei, ou almirante; e nenhum deles maior que um humilde operário. Como José.

Carmo do Fradinho e 16 de dezembro de 2024



Em casa
da Senhora
do Carmo

